

VERSUS: PERCURSOS CULTURAIS, POLÍTICOS E PARTIDÁRIOS DE UM JORNAL ALTERNATIVO (1975-1979)

Vinicius Sales Barbosa*

***Versus* e a imprensa alternativa**

O jornal *Versus*, lançado em outubro de 1975 na cidade de São Paulo e com publicação até outubro de 1979, esteve situado, em boa parte de seu período de funcionamento, na Rua Capote Valente n. 376, no bairro de Pinheiros. A maioria das edições do jornal compreenderam a época do governo do general ex-presidente Ernesto Geisel, cujo mandato foi de março de 1974 a março de 1979. Por ser uma publicação do momento da política de distensão lenta, gradual e segura, característica que marcou o governo Geisel, *Versus* não foi submetido à censura prévia como outros alternativos, o que possibilitou que a redação apresentasse e discutisse criticamente em suas páginas temas e assuntos variados, alguns deles sensíveis às balizas políticas e sociais instituídas pelo regime militar.

A modalidade de imprensa em que este jornal era enquadrado também surgiu com a intenção de publicar assuntos que fugiam ao que era realizado pela chamada grande imprensa, ou seja, havia a busca por alternativas de discussão e expressão diante daquele período autoritário. A definição do que pode ser caracterizado como imprensa alternativa se mostra uma tarefa complexa, na medida em que é necessário verificar os dinamismos e particularidades de cada período e periódico, no entanto, pode-se identificar os alternativos como publicações que realizaram oposição à Ditadura Militar e aos veículos da grande imprensa brasileira (AGUIAR, 2011, p. 236; KUCINSKI, 1991).

Mesmo que os jornais alternativos do período da Ditadura possuíssem uma postura de oposição ao que era realizado pela grande imprensa, esta atitude não pode ser percebida de

* Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Assis/SP), na área de Política: Ações e Representações.

maneira unívoca por dois motivos. Primeiro porque a quantidade de jornais alternativos que surgiram naquela época evidencia a diversidade de propostas de resistência e de demandas sociais que encontraram neste modo de imprensa um meio para se expressarem. Em segundo, há que se perceber os momentos em que tais alternativos surgiram, uma vez que os veículos originados no pós-golpe civil-militar de 1964 são diferentes dos jornais que marcam a conjuntura da distensão do governo Geisel, como é o caso de *Versus*.

Ao considerar os cuidados de definição terminológica e a percepção sobre a variedade de propostas veiculadas nos jornais, compreende-se que o pesquisador, ao lidar com os impressos, não pode sustentar um olhar reducionista ao perceber a imprensa e, conseqüentemente, a mídia alternativa, apenas como um simples instrumento de comunicação, uma vez que tais órgãos informativos buscam constituir um espaço capaz de possibilitar a intervenção nas relações sociais, políticas e culturais (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259-260). A mídia disputa com o mundo político o poder de impor simbolicamente a sua visão particular sobre a sociedade, de modo que deve ser assimilada como um agente social que influencia e é influenciado pela estrutura dinâmica do domínio da política (BUSETTO, 2008, p. 19), ou seja, assim como o conjunto de relações sócio-políticas é responsável por influenciar a produção dos escritos e discursos da imprensa, o contrário também pode ser defendido.

Isto posto, identifica-se que a caracterização da imprensa perpassa diversas definições, de maneira que, incorporada a tal termo, a própria imprensa alternativa, publicada como símbolo de contestação e de resistência durante a Ditadura Militar, tornou-se um ambiente plural e cercado por relações de disputa e interesses variados. Este palco singular foi sendo estruturado durante o aumento da repressão militar e do fechamento do regime em torno da grande imprensa, de modo que esta, ao perder sua autonomia e ser submetida à censura, vivenciou a saída de jornalistas responsáveis por criar os primeiros periódicos alternativos.

Para contornarem os mecanismos de vigilância e de censura e não evidenciarem para a população a dimensão autoritária que o regime possuía sobre os meios de comunicação, além de promoverem a própria sobrevivência do jornal, os jornais da grande imprensa começaram a executar a prática da autocensura, que consistiu em telefonemas ou bilhetes dentro da própria edição que escolhiam o que poderia ser ou não publicado (AGUIAR, 2011, p. 236) (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 108). Tal medida foi a maneira encontrada pelos veículos da grande imprensa de se manterem próximos aos círculos de decisão política, de forma que essa

convivência e, em certa medida, também subserviência¹⁹⁴, gerou aos grandes jornais a possibilidade de se modernizarem com a importação de máquinas e equipamentos, bem como a construção de novas sedes com recursos oficiais (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 110).

Percebe-se que, o emprego da censura prévia pelo regime militar e da autocensura por alguns dos grandes jornais, como o *Folha de S. Paulo*, impediu que fosse discutido, ao menos na grande mídia, o autoritarismo e as crises políticas, econômicas e sociais enfrentadas pelo país. Assim, segundo Kucinski (1991, p. 22), “Os primeiros jornais alternativos nasceram no vazio deixado pelo desbaratamento da imprensa vinculada ao campo popular e pelo estreitamento do espaço crítico na grande imprensa.”, de modo que estes veículos de comunicação surgem com o objetivo de se distanciarem do que era realizado pela grande imprensa hegemônica, ainda próxima das instituições governamentais, e para criticar as medidas políticas empregadas pela Ditadura. Os objetivos e focos da imprensa alternativa foram colocados por jornalistas que, após o cerco se fechar em torno da grande mídia de maneira a ocasionar a perda de autonomia de redação e liberdade de expressão, criaram periódicos alternativos com a intenção de se posicionar perante o regime. Muitos profissionais decidiram sair desses jornais levando a experiência adquirida para os alternativos, ou, pela necessidade de garantirem a própria sobrevivência, se mantiveram em mais de um emprego, atuando tanto na grande mídia quanto na alternativa.

Ainda que a política de contestação ao regime e à imprensa hegemônica possa ser visualizada na postura adotada por esses periódicos, é necessário perceber como havia uma relação de intercâmbio entre os jornais alternativos e os veículos da grande imprensa, seja pelo trânsito de profissionais, pela troca de conteúdo e/ou pelo contraponto. A imprensa alternativa construiu boa parte de seus conteúdos a partir de materiais oriundos da grande imprensa. Por mais que as notícias retiradas da grande mídia fossem usadas como base, era o tratamento empreendido que caracterizava a imprensa alternativa, uma vez que o diferente residiu no “ângulo de abordagem da matéria, os informantes ouvidos em off, a orientação oposicionista da análise e da interpretação, e, naturalmente, o posicionamento ideológico e político diante do assunto tratado, que se refletia nos títulos, nas fotos, nas charges e nos editoriais.” (ABRAMO, 1988, n.p.). É sobre estes pontos e contrapontos que a equipe fundadora de *Versus* constrói a

¹⁹⁴ O uso do termo “subserviência” por esta pesquisa é embasado na explanação de Aguiar (2011, p. 238), a qual argumenta que, devido aos jornais da grande imprensa se submeterem aos mecanismos da autocensura como forma de sobrevivência, tal postura foi percebida pelos membros da imprensa alternativa como um ato de subalternidade por alguns desses jornais, como O Estado de S. Paulo e o Jornal da Tarde.

linha jornalística e principais características do periódico e inicia um período de publicação perpassado por diversas alterações e remodelações editoriais.

Como bem resumiu Kucinski (1991, p. 131), a proposta inicial de *Versus* foi pautada em um “um imaginário original, que era de esquerda sem ser doutrinário, cultural sem ser estritamente literário, e jornalístico sem ser contingente, e temática própria, a de uma América Latina quase totalmente submetida a regimes autoritários.”. Quando se investiga a figura e a história do idealizador do jornal é que se entende o inicial objetivo de focar nestes assuntos a partir da busca pela exposição de conteúdos de formas variadas, ou seja, em todas as edições eram utilizados imagens, charges, desenhos, ensaios jornalísticos e literários.

Marcos Faerman (1944-1999) foi um jornalista gaúcho que, ao se mudar para Porto Alegre, “foi estudante do Colégio Júlio de Castilhos, onde escreveu e editou jornais ligados à política estudantil.” (BUCCHIONI, 2018, p. 309). Ao longo da adolescência, as leituras de Faerman dos escritos do jornal *Semanário*, de forte cunho nacionalista e anti-imperialista, foram complementadas pelo conteúdo do semanário *Novos Rumos*, publicação a qual teve contato após seu engajamento político e integração ao Partido Comunista. Estas experiências o encaminharam para o ramo jornalístico e, em 1961, foi contratado para atuar no jornal *Última Hora* (BARROS FILHO, 2007, p. 281-282), publicação fundada por Samuel Wainer e fiel ao trabalhismo varguista e às Reformas de Base de João Goulart, o que o fez ser um dos primeiros jornais da grande imprensa a serem fechados após o golpe de 1964 (NAPOLITANO, 2020, p. 46; AGUIAR, 2011, p. 235).

O seu primeiro assunto como jornalista profissional, a cobertura da campanha da legalidade organizada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, o fez ser notado pelo corpo editorial do periódico que o encaminhou para a criação do Caderno de Cultura, em conjunto com o escritor Luís Fernando Veríssimo, do jornal *Zero Hora*, veículo que sucedeu o *Última Hora* quando este foi fechado após as ações golpistas de 1964 (KUCINSKI, 1991, p. 131).

Em conjunto a essa experiência jornalística, a sua postura de engajamento político e militante ainda se fazia presente. Sua participação no Partido Comunista Brasileiro foi mais efetiva após 1964 e, entre os anos de 1967 e 1968, fez parte da direção da Dissidência Leninista do Partido Comunista Brasileiro no Rio Grande do Sul e atuou na fundação do Partido Operário Comunista (POC) (ARQUEOLOGIA..., 2014). Por meio do jornalista Renato

Pompeu, que também fora um dos fundadores do POC, Faerman entrou para a equipe do *Jornal da Tarde* em São Paulo como redator internacional.

Além de jornais nacionais, Faerman também teve contato com publicações periódicas estrangeiras que foram lhe ajudando a constituir um olhar dirigido à América Latina (KUCINSKI, 1991, p. 132). Na leitura desses materiais ele conheceu importantes nomes para a cultura latino-americana e que seriam trazidos futuramente como autores ou temas das matérias de *Versus*, como Mário Benedetti, Gabriel Garcia Márquez, Pablo Neruda, Tupac Amaru, dentre outros.

Após vivenciar a prisão e a repressão militar no final da década de 60 e início de 70, Faerman atuou na formação e na redação de outros periódicos alternativos antes de criar *Versus*. Entre os anos de 1973 e 1975, colaborou com o jornal alternativo *Ex*, marcado por publicações do *underground* norte-americano e por escritos populares brasileiros (ARQUEOLOGIA..., 2014). Quando esse jornal teve a sua publicação encerrada, Faerman se dedicou a produzir e lançar o jornal *Versus*.

Diversos jornalistas e colaboradores¹⁹⁵ que acompanharam Marcos Faerman em seu caminho por outros periódicos também participaram da criação e lançamento do jornal *Versus*, como o poeta e escritor Moacir Amâncio, que esteve com Faerman ao longo da trajetória de *Ex*; Vitor Vieira, cunhado de Faerman e jornalista atuante no periódico gaúcho *Zero Hora*; o repórter e diretor de redação Omar L. de Barros Filho, repórter nas redações dos jornais *Folha da Manhã* em Porto Alegre e, posteriormente, no *Jornal da Tarde* em São Paulo; e a jornalista Vilma Gryzinski (BARROS FILHO, 2007, p. 283-284; KUCINSKI, 1991, p. 133).

Palco de jornalistas e profissionais que buscavam novas alternativas distantes do que era realizado pela grande imprensa, o jornal vivenciou mudanças ao longo de todo o seu funcionamento. Para que fosse possível compreender tanto os movimentos da publicação quanto as alterações na composição da redação e as conseqüentes transformações nas linhas editoriais, a apreciação de *Versus* dividiu as edições publicadas em três fases, as quais serão apresentadas brevemente com o intuito de explicitar o percurso jornalístico do periódico e para embasar a análise realizada dos textos selecionados no segundo tópico deste escrito.

¹⁹⁵ O uso do termo “colaboradores” por este trabalho se pauta na explicação e utilização concedida por Bucchioni (2018, p. 158) em sua pesquisa, a qual explica que a expressão “colaboradores” se refere àqueles que participaram da produção de *Versus* mas que não possuíam formação ou vivência na área jornalística. Segundo a autora, tal uso buscou demarcar a profissão de jornalista, mas também considerar a pluralidade de pessoas e suas contribuições na redação do periódico.

Como um meio de subsidiar as divisões a serem apresentadas, foi utilizada a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a qual sustenta que, após separação em categorias e as suas respectivas descrições, parte-se para a segunda etapa, a inferência. Esta fase do método tem como tarefa permitir a verificação da estrutura textual, analisar a partir do contexto político e social em que o texto foi redigido e, por meio da dedução, construir uma possível interpretação a respeito da intencionalidade dos autores e editores ao produzirem e publicarem o escrito (BARDIN, 2011, p. 45). Esta metodologia, em conjunto com as balizas de análise da imprensa pela pesquisa histórica, permitiu que o trabalho estabelecesse relações entre os textos organizados e publicados pelo jornal com o contexto em que foram produzidos, sem incorrer no erro de perceber tais criações como verdades absolutas sobre a sociedade.

A primeira divisão, a qual reuniu os números que possuíam um foco maior em aspectos culturais – o uso deste termo é explicado mais adiante –, compreende a periodicidade preliminar de publicações do jornal, entendida como sendo o intervalo entre as edições de número 1 (out./1975) e número 11 (jun./1977). Neste conjunto de edições, a proposta do corpo editorial do jornal estava se constituindo e teve como ponto principal se pautar em textos com características literárias e publicar conteúdos que trabalhassem a cultura, a opressão e as revoluções ocorridas ao longo da história da América Latina.

Ao optar por apresentar textos e matérias de uma forma literária e fazendo uso de desenhos e/ou fotos para ilustrá-los, a equipe editorial de *Versus* buscou criar uma narrativa de aventura que compreendesse os problemas sociais e a opressão histórica vivenciada por povos da América Latina. Para Bucchioni (2018, p. 136), esta característica de construção de matérias jornalísticas por uma via literária, além de representarem as lutas “sociais, esses enfrentamentos são, também, textuais e, por isso mesmo, demarcam uma noção de cultura vinculada à transformação, preconizando um engajamento que, independentemente de filiações partidárias, traduz-se por si só como um componente político.”

A segunda divisão, marcada pelo entremeio das edições de número 12 (jul./1977; ago./1977) e a de número 24 (set./1978), refere-se a um momento em que ocorreu uma maior politização do jornal a partir da integração de membros do Movimento Negro e de militantes de grupos de esquerda, como os ex-exilados e participantes da organização Liga Operária (LO). Estes últimos, em conjunto com alguns editores e colaboradores de *Versus*, foram responsáveis por lançar o movimento Convergência Socialista (CS) por meio de publicações no jornal que

trabalhavam a situação das classes operárias, bem como defendiam a criação de um partido socialista para atender às demandas políticas e sociais do período. Esta nova postura dentro do periódico causou conflitos no interior da redação, o que provocou a saída dos fundadores e editores originais por não concordarem com os rumos partidários que o jornal havia tomado.

Por fim, as edições de número 25 (out./1978) até a de número 34 (out./1979) compreendem a fase partidária de *Versus*, a qual, sob comando de integrantes da Convergência próximos aos movimentos da base operária, foi perpassada por conteúdos que defendiam a criação de um partido responsável por aglutinar as massas em torno de um programa socialista que lutasse pela redemocratização. Durante este período, *Versus* entrou em uma crise interna e criativa responsável por encerrar a produção e publicação deste jornal alternativo, uma vez que, foi distanciado de sua proposta inicial de produzir matérias literárias sobre a história da América Latina a fim de atender às necessidades políticas e sociais condizentes com as transformações ocasionadas pelos novos tempos do regime militar.

Entre percursos culturais, políticos e partidários

O primeiro percurso de publicação dos conteúdos de *Versus* remete à sua fase de tom mais cultural, a qual considerou a América Latina e as histórias de opressão e de resistência vivenciadas pelos povos do continente como temas principais. De maneira a perceber esses aspectos, foi escolhido o texto *Três Heróis* de José Martí, importante líder na luta pela independência de Cuba no final do século XIX. O texto foi escrito em 1889 para a revista infantil *La Edad de Oro*, criada por Martí em Nova York, e publicado por *Versus* na edição de número 3, lançada em março de 1976.

O texto é iniciado por Martí com comentários sobre a liberdade, de modo a introduzir breves biografias de três importantes personagens nas lutas pelas independências hispano-americanas: Simón Bolívar, figura presente no processo de emancipação da Venezuela e com o projeto da Grã-Colômbia; José de San Martín, que lutou pela independência dos países da região do Rio da Prata; e Miguel Hidalgo, religioso responsável pela formação da nação do México.

A partir de um comentário sobre um viajante que, ao chegar em Caracas (Venezuela), chorou ao contemplar a estátua de Bolívar, Martí aborda a importância do revolucionário venezuelano para a conquista da liberdade:

O viajante agiu bem, porque todos os americanos devem querer a Bolívar como a um pai. A Bolívar e a todos os que lutaram como ele para que a América fosse do homem americano. Todos: do herói famoso ao último soldado, que é um herói desconhecido. [...] Liberdade é o direito que todo homem tem de ser honrado e de pensar e falar sem hipocrisia. Na América era impossível ser honrado, falar ou pensar. Um homem que esconde o que pensa, ou que não se atreve a dizer o que pensa, não é um homem honrado. (MARTÍ, 1976, p. 16)

No caso de Hidalgo, Martí apresenta que, embora os espanhóis tenham assassinado o padre de forma violenta, as lutas do religioso junto aos indígenas mexicanos foram de grande importância para a história da libertação do México, uma vez que a sua resistência fez com que os mexicanos se tornassem um povo livre. Já San Martín, após ser condecorado por lutar contra as tropas de Napoleão na Espanha, retorna à América para atuar nos conflitos pela independência, de modo que Martí concede grande importância ao revolucionário argentino quando o chama de “libertador do Sul, o pai da República Argentina, o pai do Chile”. O texto é encerrado com a distinção entre os significados das resistências desempenhadas por essas três figuras históricas e os sentidos do controle colonial empreendido pelos dominadores espanhóis daquela época:

O coração se enche de ternura ao pensar nesses gigantesco precursores. Esses são heróis: os que lutam pela liberdade dos povos, os que sofrem na pobreza e na desgraça para defender uma grande verdade. Os que lutam pela ambição, para fazer os outros povos escravos, para ter maior poder, para tirar as terras de outros povos, esses não são heróis. São Criminosos. (MARTÍ, 1976, p. 17)

Publicar esse texto, em conjunto com os demais conteúdos da edição, possibilitou aos editores de *Versus* a realização de críticas de cunho histórico-cultural e metafórico à Ditadura Militar, uma vez que pode-se entender que o escrito de Martí, além de tratar de opressões do passado, também faz referência aos governos militares que submeteram a América Latina no século XX e que foram contestados por resistências específicas de cada país. Assim, por constituírem um jornalismo com temas plurais e estarem atentos aos anseios políticos de variados grupos sociais, os editores integraram à redação de *Versus* alguns representantes do Movimento Negro, o que resultou na criação do caderno *Afro-Latino América* a partir da edição de número 12, de julho de 1977.

Como exemplo de tal integração e lançamento dessa seção de *Verus*, é trazido para discussão a entrevista *A Frente Negra Brasileira*, realizada com Francisco Lucrecio, um dos militantes e fundadores da Frente Negra Brasileira (FNB) na década de 1930. No material, é trabalhado o histórico da FNB e sua relevância na luta pelos direitos dos negros, bem como são tecidos comentários acerca dos movimentos negros da década de 1970 e as possibilidades de

atuação do negro no quadro político do período, ou seja, Lucrécio sustenta que é necessário conhecer os movimentos negros do passado para que seja possível a formação de um posicionamento efetivo da comunidade negra diante das novas demandas políticas e sociais vivenciadas pela sociedade brasileira:

A luta do negro é uma luta por igualdade, pela criação de uma sociedade mais justa, num momento onde se começa a perceber as crises, as dificuldades, quando falta o emprego, a casa morar. [...] A frente visualizou a sociedade brasileira como um todo, o negro atuando em todos os seus setores. É preciso conhecer as várias experiências de Lutas Negras e a Frente Negra foi uma delas. O movimento negro, hoje necessita conhecer cada experiência para construir uma experiência nova. (LUCRÉCIO, 1978, p. 40)

No decorrer da entrevista, o ex-integrante da FNB é questionado sobre a sua percepção a respeito da participação do Movimento Negro no processo de abertura política brasileira, a qual foi amplamente cobrada e discutida por variados setores sociais brasileiros no final da década de 70 e início de 80. Para Lucrécio:

Seria conveniente um Partido Negro. O negro deve fazer uma política ostensiva, porque a política é tudo no Brasil, sem ela não se consegue nada, principalmente porque não somos industriais, empresários ou fazendeiros. Temos que fazer política para sermos ouvidos, defender não só os negros, como toda a população brasileira. Acredito nunca traiu o Brasil foi o negro. Com a abertura política, o Negro deverá participar ou fundar um movimento Democrático em defesa dos direitos Nacionais, aberto a todos que queiram participar. (LUCRÉCIO, 1978, p. 40)

Na mesma linha de integração do Movimento Negro, mas responsável por gerar mudanças significativas na orientação jornalística cultural e política de *Versus*, o corpo editorial aglutinou exilados estrangeiros e brasileiros após o retorno ao Brasil em um momento em que as ditaduras militares da Argentina, do Chile e do Uruguai passavam por um recrudescimento (KUCINSKI, 1991, p. 135). Com a entrada desses grupos no jornal, como a Liga Operária (LO), a partir do segundo semestre de 1977 e início de 1978, começaram a circular no interior do corpo editorial e da redação ideias para a criação de um Partido Socialista que, fazendo uso da publicação e distribuição de *Versus*, seria capaz de reunir as massas em torno de uma bandeira de luta pela redemocratização.

Conforme apresentado acima, um dos grupos que integraram a redação de *Versus* foi o movimento conhecido como Liga Operária (LO), fundada em 1974 a partir da parceria de Jorge Pinheiro com outros exilados brasileiros na Argentina. Pinheiro era um jornalista brasileiro atuante na revista *Manchete* e no jornal *Folha de S. Paulo* e que, devido a sua ligação com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), foi obrigado a exilar-se no Chile e, após o

golpe que derrubou o governo chileno de Salvador Allende em 1973, na Argentina, aonde teve contato com outros exilados brasileiros e organizou a LO (BARROS FILHO, 2007, p. 280).

Nos caminhos percorridos por Pinheiro e por seus companheiros do MNR, houve o contato com personalidades responsáveis por influenciar as ideias que perpassaram a criação da LO posteriormente. No Chile houve o contato com o escritor brasileiro Mário Pedrosa, responsável por encaminhar o grupo para um diálogo com o trotskismo e, na Argentina, a importante figura do militante Nahuel Moreno, ligado à IV Internacional Comunista e criador do Partido Socialista dos Trabalhadores argentinos (KUCINSKI, 1991, p. 135-136). A LO, a partir da troca e comunicação com essas ideias, passou a reunir militantes em seu núcleo e a leva-los para o interior das fábricas quando retornou ao Brasil em 1974 e se estabeleceu em São Paulo (ROCHA, 2019, p. 66).

Concomitante a essa reunião de militantes e penetração nas fábricas, o grupo editou a publicação *Independência Operária* até o ano de 1977, período em que realiza uma conferência e, devido à sua clandestinidade, resolve mudar o nome para Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), com o intuito de promover o crescimento da organização, manter o centralismo democrático e desviar o foco da repressão militar (KUCINSKI, 1991, p.138; ROCHA, 2019, p. 68). É nessa ocasião que, devido à proximidade com um dos editores de *Versus*, Omar de Barros Filho, que os membros da direção do PST passaram a fazer parte da redação do jornal alternativo e colaboradores do periódico também começaram a integrar o partido, gerando mudanças na produção jornalística com foco cultural e, aos poucos, alterando a atual linha política para uma orientação editorial de cunho partidário.

Essa mudança editorial pode ser verificada na matéria *Um partido não nasce dos gabinetes*, a qual trata-se de uma entrevista que Edmundo Moniz, pensador marxista e jornalista brasileiro, concedeu à Percy Galimberti, membro da redação de *Versus*. Na entrevista, publicada em fevereiro de 1978 na edição 18, Moniz, a partir de uma análise da conjuntura política brasileira e das discussões sobre o fim do bipartidarismo, defende a inevitabilidade de criação de um partido que represente as classes trabalhadoras e cuja formação deverá ser realizada por meio de um debate com as classes sociais para que seja possível conquistar a redemocratização do país e uma nova Constituição.

Para o intelectual, a luta brasileira pela conquista da redemocratização e da anistia, por eleições livres e pela liberdade de organização partidária e de imprensa também coincide com a luta pela emancipação econômica do Brasil em relação ao capital estrangeiro e, por isso, deve

existir uma união de todas as forças progressistas para garantir esse interesse nacional (GALIMBERTI; MONIZ, 1978, p. 14). As forças progressistas da qual fala Moniz devem constituir um novo partido de orientação operária, para que, além de representar os interesses nacionais após o fim do regime militar, também consiga lutar pelos direitos dos trabalhadores:

O partido operário brasileiro surgirá de acordo com as condições políticas e sociais do país. Mas é preciso que este partido não seja uma tentativa acadêmica. É preciso que ele seja um partido de massas que mobilize todos os que se batem para que a classe operária haja politicamente de maneira autônoma e independente, não permanecendo na cauda da burguesia. Não será um partido de ideologia pequeno-burguesa. Mas um partido que esteja filiado às tradições mais puras e mais claras da classe trabalhadora. [...] O novo partido deve contar com as lideranças sindicais, a mocidade estudantil, a intelectualidade progressista, abrindo a perspectiva de aprofundar o movimento operário brasileiro. (GALIMBERTI; MONIZ, 1978, p. 14)

Devido à conjuntura política e social brasileira condicionada pelo projeto de distensão de Geisel e pelas manifestações de determinados grupos a favor da democracia, como a reorganização estudantil e os atos do movimento operário (NAPOLITANO, 2020, p. 261), os militantes integrados à redação defendem a necessidade de novas ações, como a ideia de fortalecer a criação de um Partido Socialista por meio das publicações veiculadas no periódico. A entrevista, ao ser veiculada neste número de *Versus*, exprime as remodelações editoriais pelas quais o periódico estava passando. A integração de Jorge Pinheiro como colaborador em conjunto com outros militantes do PST brasileiro, gerou alterações na linha editorial do jornal, de modo que é possível perceber um distanciamento de sua original linha cultural com foco na América Latina e o seu caminhar em direção a conteúdos políticos que, posteriormente, dariam lugar a materiais cada vez mais partidários.

Como consequência dessa nova postura político-partidária, ocorreram diversas crises internas responsáveis por provocar a saída de alguns membros fundadores. Na segunda metade do ano de 1978, Marcos Faerman, fundador, diretor responsável e editor-chefe, deixou o corpo editorial de *Versus* em conjunto com outros membros da redação, como Mário Augusto Jacobskind (chefe da sucursal do RJ), Vitor Vieira (editor-assistente), Cecília Thompson (colaboradora), Claudio Willer (subeditor), Isabel Rodriguez (colaboradora), Reinaldo Cabral (sucursal RJ) e Evaldo Diniz (colaborador da sucursal RJ).

Após essa crise interna, *Versus* passou a ser dirigido por Jorge Pinheiro no cargo de editor-chefe e Omar de Barros Filho, Hamilton Bernardes Cardoso e Hélio Goldsztejn nos cargos de editores. Os novos editores pensaram no periódico alternativo como uma plataforma possível para a construção de uma luta pela legalização de um futuro Partido Socialista, pois,

segundo eles, a classe trabalhadora e a esquerda como um todo estavam fragmentadas, por isso a luta pela formação de um partido socialista e pela democracia em um nível amplo se mostrava cada vez mais urgente.

Como um conteúdo que exemplifica a postura editorial adotada na última fase de publicação de *Versus* pode-se citar o texto *Potencial Socialista*, apresentado na edição de número 27 (dez./1978) e escrito por Júlio Tavares, coordenador do movimento Convergência Socialista. No material, além de abordar as ações da CS, também são discutidas as possibilidades de se organizar/unificar as massas/grupos em uma rede socialista capaz de promover a construção de um partido político direcionado pelos trabalhadores e sem a presença dos patrões, ou seja, um partido que lute pela independência política dos trabalhadores (TAVARES, 1978, p. 7).

Ainda que, no texto, Tavares reconheça a importância do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) enquanto uma oposição política institucional, para o militante colaborador de *Versus* o partido não representa os anseios populares e das bases operárias. Portanto, o escrito defende a necessidade histórica e política de um partido que lute pelos direitos dos trabalhadores e os represente na sociedade brasileira:

Se a legislação partidária atual impede a formação de partidos políticos dos trabalhadores, esta é mais uma razão para, sem fugir dos requisitos legais, prosseguir na organização de um partido classista. Depois do posicionamento de vários líderes sindicais da oposição à CNTI [Conferência Nacional dos Trabalhadores na Indústria], favorável à criação de um partido dos trabalhadores, não há como negar a necessidade de, pelo menos, aprofundar o debate. Necessidade não só atual, mas histórica.
(TAVARES, 1978, p. 7)

A adoção desse novo posicionamento editorial com foco explicitamente partidário, em conjunto com a prisão de 24 militantes durante a Convenção da CS realizada em agosto de 1978 em São Paulo, cujo foco era lançar oficialmente o programa do Partido Socialista¹⁹⁶ (ROCHA, 2019, p. 75), ocasionou uma crise no interior da redação do jornal *Versus*. A publicação alternativa brasileira ficou sob controle do Partido Socialista dos Trabalhadores da Argentina, segundo entrevista de Jorge Pinheiro à Kucinski (1991, p. 140). Essa tomada pelo PST argentino deu-se pela proximidade que Pinheiro tinha com militantes argentinos ligados ao partido e pelo apoio que estes haviam concedido para a criação de um Partido Socialista brasileiro.

Embora *Versus* tenha passado por remodelações editoriais sob direção do PST argentino como tentativa de aumentar o número de vendas e debater os acontecimentos

¹⁹⁶ Pode-se encontrar esse programa na íntegra entre as páginas 21 e 23 da edição 25, lançada em outubro de 1978.

existentes ao longo do processo de formação de novos partidos e movimentos sociais, a publicação não se manteve, chegando ao fim em outubro de 1979, período em que diversos alternativos encontraram seu ocaso devido às liberdades de expressão concedidas à grande imprensa como um meio de enaltecer a política de distensão do regime militar e defender uma redemocratização segura e negociada para a sociedade brasileira.

Considerações Finais

A imprensa alternativa, para além de ser identificada como uma modalidade jornalística surgida com o objetivo de fazer frente à repressão da Ditadura Militar e de realizar um contraponto às publicações da grande imprensa, também deve ser verificada como um âmbito responsável por aglutinar e possibilitar a expressão de diversos jornalistas, intelectuais, artistas e militantes brasileiros e/ou estrangeiros. É nesse meio jornalístico que se insere *Versus*, periódico paulista analisado brevemente por este escrito, cujo intuito foi o de identificar as dinâmicas vivenciadas pela redação e perceber como as alterações nas orientações editoriais modificaram os temas trabalhados pelos conteúdos publicados nas páginas do alternativo.

A proposta inicial do jornal *Versus*, responsável por dirigir o foco editorial para as opressões históricas vivenciadas pela América Latina, também permitiu a integração de antigos militantes exilados que passaram a utilizar o periódico como um meio para a difusão de explícitos escritos políticos. Nesse interim, além da integração de membros do Movimento Negro, militantes da CS tomaram conta da produção jornalística com o objetivo de lançar a proposta de criação de um Partido Socialista por meio de conteúdos apresentados no jornal alternativo, acontecimento responsável por ocasionar diversas crises internas dentro da redação de *Versus* e alterar os rumos da publicação.

Portanto, têm-se que a característica do jornal de publicar temas diversificados e de abrir possibilidades e caminhos para que variados grupos integrassem a redação, também o dirigiu para um discurso político-partidário central que ditou as demais relações do periódico, de modo que a sua proposta plural original foi esvaziada. Com isso, o projeto editorial de *Versus* de focar a cultura latino-americana como um meio de resistência deu lugar a manifestações partidárias contra o regime militar, encaminhando o periódico alternativo para o seu ponto final.

Referências

- ABRAMO, Perseu. Imprensa Alternativa: alcance e limites. *Revista Tempo e Presença*, v. 233, 1988. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/imprensa-alternativa-alcances-e-limites/>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 233-247.
- ARQUEOLOGIA de um repórter. Marcos Faerman, 2014. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/biografia.html>. Acesso em: 17 set. 2022.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. Primeira edição em francês em 1977.
- BARROS FILHO, Omar de. *Versus: páginas da utopia, uma seleção de reportagens, entrevistas, ensaios e artigos*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.
- BUCCHIONI, Xenya de Aguiar. Caminhos cruzados: Versus (1975-1979) e a América Latina - aproximação, presença e (re)leitura. 2018. 313 f. Tese (Doutorado) - *Curso de Pós-Graduação em Comunicação*, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- BUSETTO, Aureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti et al. *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 9-23.
- CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, M. do Rosário da C. *Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, SP, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 1991.
- MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tania Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2020.
- ROCHA, Bruno Everton Bezerra da. *Versus: Páginas para ler em dias de sol*. 2019, 165 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Fontes

- MARTÍ, José. Três heróis: de José Martí para as crianças da América. *Versus*, n. 3. São Paulo, p. 16-17. mar. 1976.
- GALIMBERTI, Percy; MONIZ, Edmundo. Um partido não nasce dos gabinetes. *Versus*, n. 18. São Paulo, p. 13-14. fev. 1978.
- LUCRÉCIO, Francisco. Afro-latino-américa: A Frente Negra Brasileira. *Versus*, n. 18. São Paulo, p. 40. fev. 1978.
- TAVARES, Júlio. Potencial Socialista. *Versus*, n. 27. São Paulo, p. 7. dez. 1978.